

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

TRABALHO DE GRADUAÇÃO

**O RETRATO DO GEÓGRAFO QUANDO JOVEM:
CIDADE IMAGINÁRIA**

LARA MACHADO BITENCOURT

Porto Alegre, julho de 2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

O RETRATO DO GEÓGRAFO QUANDO JOVEM:
CIDADE IMAGINÁRIA

LARA MACHADO BITENCOURT

Orientação: Nelson Rego

Monografia apresentada como requisito para
obtenção do título de bacharel em Geografia e
aprovada com conceito A em 16/07/2014.

Banca examinadora

Prof. Dr. Álvaro Luiz Heidrich (Departamento de Geografia / UFRGS)

Prof^a. Dr^a. Claudia Luisa Zeferino Pires (Departamento de Geografia / UFRGS)

Porto Alegre, julho de 2014

CIP - Catalogação na Publicação

Machado Bitencourt, Lara

O retrato do geógrafo quando jovem: cidade imaginária / Lara Machado Bitencourt. -- 2014.
40 f.

Orientador: Nelson Rego.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Geociências, Bacharelado em Geografia, Porto
Alegre, BR-RS, 2014.

1. Geografia Humana. 2. Lugar. 3. Cidade. I.
Rego, Nelson, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Ao fim dessa etapa inúmeros agradecimentos se fazem necessário, especialmente:

- À Associação dos Geógrafos Brasileiros, sessão Porto Alegre, por possibilitar abrir meus horizontes acadêmicos, além da bolha universitária. Agradeço por todos os amigos lá encontrados e pelo intercâmbio de ideias e gerações geográficas;
- Ao Diretório dos Estudantes de Geografia (DAGE) pelas amizades e as liberdades, lá conquistadas, assim como pelos debates e as (des) construções políticas por lá travadas.
- Ao Coletivo de Apoio a Reforma Urbana (CARU) e todos seus integrantes, por me permitirem compartilhar de ações e sonhos sem as quais a graduação não teria o mesmo sabor. Em especial a Marília, o Felipe e o Izé, por compartilharem a experiência com a comunidade da Vila Chocolatão;
- Aos moradores da Vila Chocolatão, por nos receberem com carinho e esperança. Certamente troca mais valorosa deu-se ao contrario, e com eles muito mais aprendemos do que ensinamos;
- À Claudinha pela enorme sabedoria e sensibilidade em ensinar, sem o ar de superioridade inibidor, e também por propiciar uma sala de aula caótica e livre, cheia de criatividade, de ação, reflexão e produção, para além das grades que limitam a criação de conhecimento e a produção de saberes emancipatórios;
- Ao Álvaro, por apontar um horizonte humanista em um departamento (de)formado essencialmente por marxistas, neo-positivistas e desinteressados;
- Ao Nelson, pela (des)orientação, mas principalmente por entender que não é fácil ser biriba nessa vida e por confiar no meu 'tino' para essas coisas e permitir todas as liberdades para a realização trabalho, sem deixar de estar presente quando não consigo visualizar as saídas;
- Ao Rafa, pelo privilégio de tê-lo ao meu lado;
- Aos olhares e dicas literárias do André e do Nando na redação do conto;
- A minha família, por todos os obstáculos, mas principalmente por não cansarem de me procurar quando me perco em mim;
- Às madrugadas, pelo silêncio e o mistério, sem os quais esse trabalho jamais seria redigido;
- E finalmente aos amigos, que me acompanharam em perceber Porto Alegre e que de maneira informal tiveram grande contribuição para a realização desse trabalho, principalmente ao Dimitri, a Olivia, o Jovi, a Luisa, a Camila, a Juliana, a Winnie, a Ana, o Matheus, o Rafa Braga, o Ben-hur, a Meriene e novamente ao Rafa.

RESUMO

O seguinte trabalho versa sobre o *lugar* como categoria e conceito de análise para os sentimentos desenvolvidos pela cidade. O uso das ideias de Yi-Fu Tuan e os conceitos de *topofilia* e *topofobia* auxiliam no desenvolvimento de uma abordagem que fale do lugar de maneira legível. Nesse trabalho essa abordagem surge a partir de duas alegorias desenvolvidas pela autora, o *conto* e a *colagem*. A narrativa constrói um cenário da cidade futurística e a imagem reflete a interpretação da cidade atual, como o palco do drama humano, tela para expressão da beleza e da sensibilidade, bem como da naturalização da solidão, em que a vontade de se fazer notar e a voz para ser escutado se encontram nas ruas.

Palavras-chave: lugar; sentimento de cidade; percepção; topofilia; topofobia.

ABSTRACT

This work is about *place* as an analysis category and concept to the feelings developed by the city. The use of Yi-Fu Tuan ideas and the concepts of *topophilia* and *topophobia* help on an approach that clarifies the place. In this work such approach begins from two author's allegories, the *short story* and the *collage*. The narrative builds a futuristic city scenario, screen for beauty and sensibility expression as well as naturalization of loneliness, where the desire to be noticed and the voice to be heard are on the streets.

Key-words: place; city feeling; perception; topophilia; topophobia.

SUMÁRIO

Apresentação	8
O Retrato do Geógrafo quando Jovem	13
Cidade Imaginária	20
Sem pálpebra	22
Cidade Imaginária (II)	27
Considerações finais	36
Bibliografia	39

Para os geógrafos, a cartografia – diferentemente do mapa, representação de um todo estático – é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem.

Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornam-se obsoletos.

Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra. Devore as que lhe parecem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias.

O cartógrafo é antes de tudo um antropófago.

(ROLNIK, 1985: 15-16)

Apresentação

Sempre achei cruel ter de escolher o ofício de uma vida inteira aos dezesseis anos, contudo vejo que mais cruel ainda é ter de concluir alguma coisa aos vinte e dois. Este trabalho, ainda que leve o nome de “trabalho de conclusão”, não se propõe a concluir nada. Muito pelo contrário, ele é carregado de dúvidas e incertezas, imprecisões essas que me fazem seguir caminhando.

O pesquisador invariavelmente é um ignorante. Desconhecemos os caminhos e as intenções que levam as pessoas a se comportarem de determinada maneira em certas situações. Como é natural da ignorância, acreditamos que as nossas verdades são absolutas, e a nossa visão a única correta. A pesquisa serve para alumiar as trevas em que nos encontramos, pois, desvendando as pistas, construindo os cenários, visualizando a complexidade de um todo até então desconhecido, arrefecemos nossa ignorância.

Por exemplo, um dia desses estava olhando a rua pela janela do meu quarto quando vi um catador de *lixo* estacionar seu carrinho lotado depois de um turno de serviço. Na minha arrogância, julguei estúpida a maneira *sem regras* com a qual ele separava o material para transformá-lo em dinheiro – o homem ia rasgando e abrindo os vários sacos de lixo *de qualquer maneira*. Feito meu julgamento, recolhi-me da janela, distraíndo-me por algum tempo em alguma outra coisa. Passado alguns instantes, retornei a janela e o trabalho do homem estava todo organizado, tal qual a maneira que me ensinaram a conceber a organização. Ele tinha aproveitado as sacolas, que julguei ter desperdiçado, separando-as com os distintos materiais. Observando o domínio do homem sobre o seu fazer, cheguei à conclusão de como é fácil e leviano julgar as práticas alheias e de como é grande a minha ignorância e arrogância, oriundas de uma formação familiar e acadêmica elitista, que enxerga como errado tudo aquilo que é sujo ou miserável, que aceita como verdade apenas uma verdade, e que compreende organização como uma única ordem.

Procuro então, com esse trabalho, estabelecer uma identidade de pesquisa, que por sua vez pretende arrefecer as verdades absolutas, assim como minimizar as ignorâncias. Vejo na troca de saberes e no dialogo a maneira mais interessante de se produzir conhecimento. Contudo, sinto a necessidade de produzir um saber que não seja

excludente, que todos possam compreender, e que, de preferência, todos possam ter acesso. Ainda que essa última vontade faça parte das utopias, sempre me interessei por uma universidade menos universitária e mais universalista.

Assim, minha ideia primeira para esse trabalho foi a de tentar descobrir o *lugar* das outras pessoas, visto que os acentos e sotaques diferentes do meu sempre me despertaram curiosidade, procurando dessa maneira estabelecer uma relação de empatia, entre eu as outras pessoas, sem a necessidade de perguntar explicitamente *de onde você é?*

Interesso-me por discutir e explorar o lugar, pois percebo nesse conceito uma gostosa parceria entre o científico e o cotidiano. Ainda que abstrato, o lugar é coisa que pode ser sentida, e é compreendida por todos. É também um conceito íntimo que parte das relações pessoais, e individuais. Não é uma ideia totalizante, pois possui variadas formas e variadas expressões.

Contudo notei, não sem a ajuda dos amigos e de suas perspectivas externas, que é difícil estabelecer uma relação profunda, como essa de identificação e empatia entre eu e as pessoas de diferentes lugares, se elas mesmas não conhecem o seu lugar. Então, para identificar o lugar dos outros, é preciso antes conhecer o meu lugar. E é a isso que essa monografia se dedica, a identificar o meu lugar e a minha imagem de cidade. Atenho-me à cidade como forma de interpretar o espaço, pois meu olhar é um olhar urbano, e mesmo as rugas de ruralidade como as chácaras nas periferias das cidades, ou o galinheiro do vizinho, da maneira como eu percebo, já está urbanizado, já virou cidade, possui um comportamento urbano que é quase uma entidade, quase uma instituição, uma ideia já acertada por todos, de como comportar-se na cidade, e em conjunto.

Na cidade as pessoas estão amontoadas umas sobre as outras, mas nem por isso trabalham colaborativamente. Isso porque a educação sentimental da urbanização é feita a partir de uma mídia parasita que dissemina ideias de vingança e traição, assim como é a temática de incontáveis novelas, seja *A Usurpadora* (“novelão” mexicano), ou *Mulheres de Areia* (“novelão” brasileiro), coincidentemente novelas protagonizadas por irmãs gêmeas representando a ideia binária de *bem* e *mal*. Desvalorizando os sentimentos humanos em duas sensações colocadas sempre como *opostas* e não como *complementares*, ou *integrantes*, desenvolvemos para com as nossas relações sociais e espaciais um comportamento dualista, passamos a estabelecer círculos de amizade que

nos agradam, e círculos sociais aos quais integramos por necessidade ou conveniência. Nossas relações deixam de aprofundar-se com todos, pois não elegemos todos iguais, são diversas as características que geram atração ou repulsa entre as pessoas. A maneira como nos comportamos entre nós, reflete a maneira como nos relacionamos com o espaço e o lugar.

Falar de lugar é impossível sem falar de espaço, pois é o espaço quem dimensiona o lugar. Sabendo da existência do todo, conseguimos nos organizar em acomodações menores, capazes de propiciar abrigo e segurança, assim como todas as outras coisas inerentes ao desenvolvimento humano, como alimentação e saneamento básico.

O que faz o lugar é a sensação de segurança e estabilidade, mas o contrário também pode defini-lo. O sentimento de cidade, nesse trabalho, está ligado aos dois conceitos definidos por Yi-Fu Tuan para experienciar o lugar, são eles sentidos a partir das sensações de harmonia e prazer que desenvolvemos com determinados lugares, os chamados sentimentos *topofílicos*, ou através das sensações de rejeição e desconforto que desenvolvemos com outros lugares, os chamados sentimentos *topofóbicos*.

Esses sentimentos definem nossa maneira de interagir num ambiente. Na cidade é comum que as sensações topofóbicas sejam mais frequentes que as topofílicas, pois da maneira como experienciamos a cidade, como a consumimos, colaboramos para construção de uma imagem bélica da cidade, pois saímos à rua armados ou com medo, sentimo-nos ameaçados pelos pobres e sem-teto, pela miséria e pela velocidade dos automóveis que passam zunindo pelas avenidas.

Então, para descobrir o meu lugar e transformar a cidade em ambiente pacífico faz-se necessário sair às ruas, perambular por caminhos antes desconhecidos, estabelecer conexões entre os caminhos de sempre e os novos caminhos. Assim, o laboratório desse trabalho começa desde o momento em que percebo a minha cidade, ou seja, Porto Alegre, e vai refinando-se à medida que meu olhar vai se qualificando.

O centro de Porto Alegre é por onde mais circulo, são as ruas que mais possuem intimidade, e é a lembrança delas que me faz encontrar Porto Alegre em outras cidades, como enxergar a Av. Borges de Medeiros em algum lugar de Buenos Aires, ou então da Av. Salgado Filho em algum lugar de Belo Horizonte.

Diferentemente do campo, na cidade é comum mudar-se com frequência, principalmente quem vive de aluguel. Dessa maneira os laços com o lugar tendem a serem mais efêmeros, temporários. É difícil encontrar quem more na cidade e por alguma razão já não tenha precisado mudar-se, excluindo as exceções formadas por famílias tradicionais de distintas procedências, por exemplo, famílias quilombolas tituladas, ou herdeiros da monocultura, todo o resto da população da cidade esta sujeita a trocar o local de moradia, por motivações diversas, seja pelo crescimento da família, seja pelo encarecimento do custo do solo urbano.

Quando a grande mídia esquece-se de retratar o espaço público, o trato que as pessoas têm com o público é um trato diferente daquele que possuímos com aquilo que é nosso, de nossa propriedade, privado. A tendência a jogar lixo na rua, ou não parar na faixa de segurança é muito grande, pois a cidade não é das pessoas que andam a pé, a cidade é dos carros, que entram em prédios, e grandes estacionamentos cheios de andares. A cidade é de todos, logo a cidade é de ninguém, porque não nos identificamos coletivamente. É aparentemente natural que nos identifiquemos e nos definamos de maneira a excluir os outros, a tratá-los como diferente, antagônicos a nós. Incluí-los em nossos ciclos sociais nem sempre é nossa ideia primeira, pois somos educados, desde a primeira infância a competirmos uns com os outros, seja por boas notas ou status social. Contudo, o que não percebemos nessa competição que incentiva falsos vencedores é que criamos ilusões comportamentais que definem nossas atitudes sociais. Assim, nos afastamos uns dos outros, elegemos perigosos todos que não possuem as mesmas coisas que nós e também não se comportam de maneira semelhante.

Descobrimo os caminhos desse trabalho, optei por procedimentos pouco ortodoxos, muitas vezes pouco “científico”. Para representar o meu lugar e o meu sentimento de cidade, resolvi escrever um conto e, em cima do mapa de Porto Alegre, fazer uma colagem. Os significados desses produtos serão explicitados nas páginas seguintes, contudo, assim como a escolha pelo conceito de lugar, a escolha por essas linguagens se deu por puro diletantismo e curiosidade genuína. É sabido que tudo o que foi lido não é suficiente para articular essas ideias embrionárias, assim inúmeras lacunas se formarão ao longo do trabalho. A escolha pelas melhores palavras nem sempre é suficiente, porém a intenção é de se fazer compreender plenamente, ainda que essa vontade de esclarecimento muitas vezes gere confusão. Proponho-me com esse trabalho começar uma pesquisa humanista, baseada inicialmente no empirismo e na experimentação, onde

posteriormente seja possível desenvolver uma *metodologia* de maior profundidade para a *identificação do lugar dos outros*.

Esse trabalho não existiria sem a parceria e a colaboração dos amigos queridos que me permitiram ver e experimentar Porto Alegre de uma maneira prazerosa, a eles todos eu agradeço e dedico essas páginas.

O Retrato do Geógrafo quando Jovem

O retrato do geógrafo quando jovem parte de uma ideia que tomo emprestada do escritor irlandês James Joyce, que em 1916 publicou seu primeiro romance – *O retrato do artista quando jovem* (JOYCE, 2011). Nesse romance de formação Joyce narra a história do jovem Stephen Dedalus através dos registros de vida da personagem, descrevendo as coisas que ela pensa e fala, desde a tenra idade, nos primeiros pensamentos e atenções fragmentadas, até os pensamentos complexos do adulto de psiquê amadurecida e intelectualizada.

Incorporada essa ideia ao trabalho, acredito estabelecer uma relação de honestidade entre o texto e o leitor. As ideias aqui contidas são as ideias fragilmente articuladas ao longo de uma graduação, oriundas de uma formação em constante desenvolvimento, que encontra nessa etapa não um ponto de chegada, mas sim um ponto de partida.

Para a elaboração da minha imagem de cidade (uma imagem de lugar) e, conseqüentemente, do sentimento que a compreende, fez-se necessário perambular pelas ruas, descobri-las, incorporá-las através de derivas e entradas de campo (LIMA, 2011).

Da maneira como vejo, Porto Alegre é como uma grande cidade provinciana, e os sintomas da vida pacata se expressam pelas ruas incrustadas em meio às agitadas avenidas que cortam a cidade, tal qual um sistema nervoso. Contudo, a serenidade é uma ideia apenas aparente. Como nos fala Thoreau:

A aldeia é o lugar aonde levam as estradas, uma espécie de expansão da estrada real, como um lago ou um rio. É o tronco do qual as estradas são os membros, um lugar trivial ou quadrívio, o caminho comum dos viajantes. A palavra deriva-se do latim *Villa* que, combinado com *via*, caminho, ou mais remotamente, *ved* e *vella*, deriva de *veho*, conduzir, porque vila é o lugar para onde as coisas são levadas e de onde são trazidas. Os que ganhavam a vida carreando eram chamados *vellaturam facere*. Daí, também, presumivelmente, o vocábulo latino *vilis* e o nosso vil; também *villain*. Isto sugere a espécie de degenerescência a que se entregavam os aldeões. (THOREAU, 2003 [1865]: 13-14).

Porque a cidade é hostil, se somos nós quem fazemos a cidade? O que acontece no comportamento humano, que quando em coletivo não consegue cooperar? Que espécie de “feitiço” envolve a cidade, que vilaniza a todos que nela moram?

Na Geografia muito se diz que devemos estudar o espaço, mas... quem mais *faz* e *é* o espaço do que as pessoas? Como posso estudar o espaço sem entender o comportamento dos indivíduos?¹ As formas pelas formas não levam a lugar nenhum e sem uma construção humana, tanto concreta como filosófica, essas formas não existiriam. A cidade pela cidade é neutra, mas da maneira como a construímos e nela nos especializamos, a forma hostil como nos comportamos faz com que tornemos a cidade um lugar inseguro.

Sendo mulher, fui ensinada a entender as ruas e a cidade de maneira ainda mais hostil, o estímulo de permanecer em casa sempre foi uma constante, mas a curiosidade de explorar as ruas mostrou-se superior. De certo modo, encontrei na Universidade uma emancipação dessas ideias de resguardo.

No final de 2010, passado o Encontro Nacional de Geografia (ENG), organizado pela Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB), e naquele ano, realizado em Porto Alegre, pude ter o prazer de conhecer e fazer contato com os indivíduos da extinta Vila Chocolate. A referida comunidade, localizada em meio aos prédios do centro administrativo do estado e do município, representava de maneira didática os sintomas da desigualdade e naturalização da miséria, que acometem as grandes cidades.

Formada em sua maioria por catadores de material reciclado, a comunidade baseava-se economicamente na coleta e seleção do lixo, material em abundância naquela região da cidade, o que estabelecia uma forte relação econômica entre os indivíduos e o entorno. Relações outras, que não apenas econômicas, fortaleciam os vínculos territoriais e os sentimentos de pertencimento e de lugar dos indivíduos com o centro da cidade².

¹ Sobre isso, Santos discorre com a seguinte clareza: “Diante de um sociólogo, de um economista, de um cientista político, de um químico, etc... podemos dizer que a Geografia estuda o espaço, mas a nós mesmos é insuficiente dizer isto. Porque dizer isso, entre geógrafos, significa, de alguma maneira, erigir uma tautologia em regra de trabalho, o que leva a nada. Isto é, tal esforço, puramente tautológico, deve ser substituído por um esforço analítico. Isto é, temos de encontrar os elementos suscetíveis de permitir que, diante do que estou chamando de espaço, possamos entendê-lo e, eventualmente, construir o discurso político da sua intervenção. E aí vem de novo a questão que me preocupa há alguns anos: o que interessa à Geografia é menos a geografia e mais o espaço. Enquanto os geógrafos discutem entre eles, sobre a geografia, não estão andando para lugar nenhum. O debate que permite avançar é a discussão sobre o espaço, discussão que permite descobrir quais são as subdivisões pertinentes do objeto que nos interessa.” (SANTOS, 1996: 9).

² Sobre tal relação, Souza aborda da seguinte maneira: “O capitalismo contemporâneo, que impessoaliza, atomiza e massifica, também gera reações psicológicas como a necessidade de familiarizar-se (ou mesmo apegar-se) a certos espaços – tornados, assim, lugares -, por mais que a vivência deles traga marcas de velocidade e da falta de intimidade. Para além da óbvia dependência humana do espaço enquanto materialidade (substrato), e também além da necessidade de constituição de territórios, há uma

Contudo, um projeto desenvolvido e encampado pela prefeitura promovendo a remoção dos indivíduos da Vila Chocolatão estabelecia o fim da comunidade como outrora era conhecida.

É em meio a esse processo que me insiro na comunidade e passo a conhecer outra realidade. O contato estabeleceu-se a partir de um grupo de trabalho, criado em função de uma das resoluções do GT de Urbana do ENG, em que se aconselhava a criação de Coletivos de Apoio a Reforma Urbana (CARU), nas diferentes sessões locais da AGB, a fim de aprofundar as relações e a práxis do geógrafo com o ambiente urbano.

A esse coletivo, além de mim, reuniram-se outros três colegas da Geografia, cada qual com uma caminhada todos com expectativas de transformação. As indicações do GT de Urbana previa que os coletivos participassem e promovessem ações na cidade, e a nós faltava um lugar para agir, foi quando então surgiu o Grupo de Assessoria Justiça Popular (GAJUP), formado a partir do Serviço de Assessoria Jurídica Universitária (SAJU) do curso de Direito da UFRGS.

O GAJUP já possuía um histórico de engajamento com a comunidade da Vila Chocolatão, e acompanhava de perto os meandros do processo de remoção ao qual a comunidade estava submetida. Identificavam inúmeras irregularidades, as quais não possuíam nenhuma fiscalização para serem regularizadas. É nesse ensejo que o CARU passa a se inserir. Estabelecemos uma relação de equipe técnica, promovendo consultas aos moradores e os documentos do processo de remoção. Dessa ação, geramos um documento intitulado *Laudo Técnico*³, documento esse apresentado ao Ministério Público Federal (MPF) e que garantiu o embargo da remoção durante três meses.

Dito assim até parece que tudo foram flores, e que nossas ações enquanto apoiadores técnicos bastaram para “salvar” a comunidade, mas o que de fato aconteceu é que, revistas algumas poucas irregularidades, o processo de remoção continuou até a retirada completa dos moradores. A área onde estava assentada a vila foi cercada e dedetizada e hoje dá lugar a um estacionamento.

visceral necessidade psicológica de ‘lugarização’, de tornar familiar e dotar de significado e carga afetiva as porções do espaço com as quais mais interagimos. Parece ser vital ou quase vital, assim, pelo menos para a esmagadora maioria de nós, construir um ‘lar’, mesmo nas situações mais precárias e improváveis, como um cantinho embaixo de um viaduto ou uma cela de prisão” (SOUZA, 2013: 124-125).

³ Ver nosso artigo “Nem Tudo que Reluz é Ouro: Reassentamento da Comunidade da Vila Chocolatão, Porto Alegre/RS” (BITENCOURT; FRANCO; JARDIM; RATHMAN, 2011).

A partir dessa experiência, pude perceber algumas coisas sobre a realidade acadêmica e a relação entre a instituição e a sociedade que me fizeram repensar algumas práticas. É notória e lamentável a inércia que envolve os cientistas sociais, também é triste perceber a hierarquia de saber que se estabelece entre os indivíduos “mais antigos” e os “mais novos”. Um arcabouço teórico profundo não é garantia de sabedoria ou de tolerância – menos ainda de partilha do conhecimento. Quanto à relação com a sociedade, a academia parece só se aproximar dessa em função dos ideólogos marginais, e se mostra tênue a linha que separa uma ação construtiva do mero assistencialismo.

Os moradores da vila Chocolatão também me ensinaram outra coisa: com essa experiência pude perceber que as relações institucionais, ainda que carregadas de boas intenções, possuem também um viés utilitarista, que estabelece um prazo para as relações e que é naturalizado em função da sobrecarga de trabalho. Fora isso, é sabido que os frutos do trabalho trazem mais benefícios ao pesquisador do que aos *sujeitos-objetos* das pesquisas.

Passada essa experiência, uma vez mais pude constatar o quanto é delicada a relação que envolve o pesquisador e os pesquisados. Dessa vez, foi logo no início de um projeto de extensão, também com o CARU, onde trabalharíamos com famílias quilombolas, quando ouvi de uma das mulheres da Família Silva (o primeiro e até então único quilombo urbano titulado de Porto Alegre) que as ideias de “quilombo” e “quilombola” eram termos superados, ultrapassados. Antes disso eles eram uma família negra tradicional, com um passado de luta e resistência, mas o “quilombola” era uma ideia vinda *de fora*.

Com base nesse depoimento, pude perceber que ela não se identificava muito com as ideias que a nós fascinavam euforicamente. Foi então que comecei a pensar no papel do pesquisador, também como um intruso, e que muitas vezes a necessidade de definição que o fazer científico nos impõe é antes um instrumento de homogeneização e dominação do que uma forma de esclarecimento.

Trabalhar “com o povo e para o povo” é muito atraente para a juventude acostumada com as regalias da pequena burguesia. Contudo, a mesma fé cega que nos leva a interagir com outras realidades e alimenta o nosso sentimento de transformação traz consigo uma via de mão dupla, onde sem perceber passamos de opositores a prestadores de serviço do Estado que negamos ou combatemos. Aconteceu durante o processo de

remoção da vila Chocolatão, e parece acontecer toda vez que as intenções e as identidades não estão amadurecidas.

Por essas razões, passado um período de reflexão, resolvi parar de insistir em uma abordagem social de maior escala para voltar-me para questões mais pessoais, pois antes de satisfazer-me, enquanto agente acadêmico (SOUZA, 2001) passei a desenvolver desconfianças e preocupações que paralisavam minhas ações. Até então, minhas práticas estavam completamente vinculadas ao conceito de *território* e as disputas inerentes a este. É quando resolvo voltar-me para dentro e fortalecer minha identidade individual de pesquisadora que descubro o *lugar* como conceito chave para minhas análises. Para entender tal conceito, recorro às relações topofílicas e topofóbicas que o lugar guarda ou apresenta:

Tão pouco quanto os territórios, são eles, os lugares, “coisas”; e, à semelhança daqueles, eles também só existem enquanto durarem as relações sociais das quais são projeções especializadas. As imagens e os sentidos de lugar não são “coisas” materiais – e, por derivação, os próprios lugares, enquanto tal, não devem ser assimilados diretamente à materialidade. Os lugares só existem *pela e na* “topofilia” (ou pela “topofobia”, tanto faz). Sem os sentimentos e as imagens que se produzem e reproduzem na comunicação e nos discursos, o que há é o substrato material, e não o lugar (SOUZA, 2013: 117-118).

O meu lugar e o meu olhar estão voltados para a cidade, mas... O que é a cidade para mim? A cidade é metálica, vaporosa e salobra. Porque buscamos a cidade? Porque somos expulsos do campo e a cidade concentra alternativas para a sobrevivência. Está ligada por vias e avenidas por onde é possível circular e ir a todo parte. A cidade concentra serviços, ofertas, procuras e trocas. Quanto maior é a cidade, maior o anonimato dos indivíduos e menor a privacidade. Privacidade deve ser algo que a cidade está privada de possuir. Todos se observam, o panoptismo (FOUCAULT, 1979) invadiu a esfera privada, não existe moradia que não esteja sujeita as observações da cidade, seja pela vizinhança ou por imagens de satélite.

Ninguém mais acredita na justiça de Estado e, com isso, vemos se formar uma preocupante e assustadora onda de linchamentos públicos incentivados por boatos espalhados em redes sociais virtuais. Olho por olho, justiça pelas próprias mãos, esquizofrenias ligadas a crenças no divino, e no “messias punitivo e julgador” se espalham pelos fanáticos anônimos. A sensação de vigilância espalha-se não apenas em função do amontoado de moradias, mas também pelo controle virtual, que permite o controle do comportamento dos outros, mesmo a longas distâncias.

O poder de repressão e bélico apresentado pelo exército e pela polícia desfila na cidade com maior frequência. O Estado controla a polícia que protege o patrimônio privado. Somos logrados de todas as partes, e ainda assim permanecemos na cidade, pois é onde encontramos abrigo. A cidade assusta, deixa-nos em estado de prontidão permanente, não há como descansar na cidade. Assim, os sentimentos que possuo pela cidade são em sua maioria sentimentos *topofóbicos*.

Na noite alta os ratos rondam
E no asfalto os carros roncam

Bares e clubes luzem, sinais
Gangues de punks lúmpens demais
E prostitutas passam ao léu
E viaturas surgem no breu

Quando nas casas os justos
dormem
Quando não matam os brutos
morrem

Os seus olhos filtram letras
Luminosos, faroletes e holofotes
Nos seus olhos se reflete
Todo o lume do negrume dessa
noite

Cena de banguê-banguê, faróis
Tiras, bandidos, anti-heróis
Tiros e gritos, cante mortal
Cena de sangue, lance normal

E pelas ruas, peruas rugem
Se abrem alas e as balas zunem

De repente você treme
E a sirene passa entre automóveis
Em suspense você pensa
O que pode com o ódio desses
homens?

Arrigo Barnabé, **Ronda 2** (1986).

Cidade Imaginária

Cidade imaginária é como chamo as cidades que inventei para apresentar esse trabalho. Elas surgem a partir de uma colagem que remete a Porto Alegre, e de um conto intitulado *Sem Pálpebras*, que traz a imagem de uma cidade no futuro, tão cheia de estímulos que não se consegue mais descansar. Optei por esses textos porque que as outras expressões e técnicas, genuinamente científicas e geográficas, ou não são de meu domínio (como é o caso dos softwares de mapeamento) ou não se incorporaram à minha linguagem.

Criando cidades imaginárias através de um conto e de uma imagem estabeleço uma maneira de trabalhar *o lugar* e *o sentimento de cidade*, sem estabelecer um estudo de caso ou então uma abstração solitária. Explorando vias que se apoiam na subjetividade e na sensibilidade como instrumentos para a interpretação da realidade, é possível em uma pesquisa criar textos que são particulares, pois surgem da expressão única e irreproduzível do indivíduo, assim como possuem liberdade para interpretação e entendimento por qualquer um. É uma maneira de apresentar o assunto e o argumento em uma textualidade, que possibilita e se alimenta do diálogo com o leitor, pois é um texto aberto a novas significações e novos olhares, ainda que possua uma intenção definida, que é a de apresentar a cidade como clausura e sobrevivência.

Uma das formas mais comuns de espacialização adotada pelos agrupamentos humanos são as cidades. Elas abrigam o conforto e a dominação tecnológica do *homem* sobre o meio *natural*; dessa maneira, é possível trabalhar fora de casa, estando na cidade durante qualquer horário ou estação, visto que a noite ou o inverno já não são obstáculos para o desenvolvimento das vontades humanas.

A cidade é dependente do campo para ser abastecida de alimento e matéria prima. Porém, o campo também está urbanizado, pela velocidade e a popularização da informação, aliado à exploração do latifúndio e da tecnificação da produção, que exige mão de obra qualificada, mas em menor número. Da maneira como vejo, o pensamento e o comportamento humano estão completamente urbanizados⁴.

⁴ A isso também se refere Lefebvre mais claramente quando diz: “Aqui, reservamos o termo ‘sociedade urbana’ à sociedade que nasce da industrialização. Essas palavras designam, portanto, a sociedade constituída por esse processo que domina e absorve a produção agrícola. Essa sociedade urbana só pode

A cidade é como uma prisão. Temos a falsa impressão de encontrar ar fresco e ambiente arejado nos parques ou praças, mas ainda assim estamos cercados por avenidas e monitorados pelo estado de controle. Rodamos como baratas, em nossos labirintos diários, fazendo os mesmo caminhos, indo diariamente aos mesmos lugares.

A televisão pasteurizou nossos sentimentos, e a beleza é alguma coisa plástica, sem vida, a imagem na tela é asséptica, assim como devem ser nosso comportamento, e nossas opiniões. A internet relativizou nosso conhecimento, e aprofunda nossas angustias, espalhando carência e narcisismo. A música não eleva o espírito e o cinema alimenta paixões platônicas.

A cultura é pobre, do mesmo modo como é miserável a cobertura midiática. Somos submetidos a formatos e linguagens imbecilizantes nos programas de entretenimento, hipnotizados, não agimos diferente dos mosquitos em volta da lâmpada, prendendo-nos a tudo que brilha ou reluz.

Manter a lucidez nem sempre é vontade coletiva, pois a ilusão possui seus benefícios, e é condição bastante sedutora. Ignorando os sentimentos e ideias obscuras, controversas, profundas e apaixonadas desenvolvemos grandes chances de sentirmo-nos satisfeitos e descontraídos. Estar vazio de sentimentos é uma condição urbana, pois apáticos encaramos a barbárie cotidiana com disposição à submissão.

Essa minha imagem de cidade surge a partir das ‘coisas’ que vejo pelo caminho que faço descobrindo a cidade. É quando então observo o humor das pessoas e a maneira como se comportam, atentando a forma como caminham e a expressão que levam em seus rostos, nos trechos de conversas que consigo apreender ou nas conversas ligeiras que travo com os desconhecidos.

Noto que o comportamento que adotamos, de ataque ou de defesa, acontece ainda que não exista nenhum contato entre as pessoas. Mesmo não havendo conflito explícito, colocamo-nos, como se fosse necessário alimentar uma postura, encarar uma persona para andar pela cidade. Como se as relações sociais fossem relações cênicas, e a cidade o palco dessa interação.

ser concebida ao final de um processo no curso do qual *explodem* as antigas formas urbanas, herdadas de transformações *descontínuas*.” (LEFEBVRE, 2008: 13).

A seguir apresento o conto elaborado para esse trabalho, intitulado “Sem pálpebra”, em alusão aos olhos que não descansam em função do excesso de conteúdo visual a que estamos submetidos pela popularização das microtelas.

Sem pálpebra

Depois da cirurgia fui convidado a trabalhar nos arquivos da polícia. É mais um daqueles trabalhos que devem ser feitos em casa. Consiste em arquivar todas as ocorrências registradas pela polícia em um banco de dados de acesso interno. Como a maioria das pessoas não sabe mais ler ou escrever, os registros são feitos de maneira bastante rudimentar. No entanto os arquivistas geralmente sabem ler, pois assim como eu também possuem os olhos transplantados. Todos os que receberam transplantes de algum órgão dos rebeldes de 2014-15 são empregados do Estado e mantidos sobre vigilância. – acredito que sejam medidas de controle! Como posso detectar essas intenções?! – pergunto-me às vezes. Pergunto-me também por que depois de adquirir a visão passei a questionar-me tanto sobre mim e sobre o meu lugar. Como se a visão me trouxesse também uma consciência, individual e histórica, e os fragmentos do passado que tenho acesso através dos arquivos policiais, somados as memórias, que eles aos meus olhos despertam, formassem o desenho de um *passado* e uma reflexão sobre o presente. E dessa maneira esquizofrênica, tenho mantido nos últimos anos um demorado diálogo com meus olhos. E meus olhos são incendiários. Meus olhos são os olhos de um rebelde. Consegui o transplante de córneas em 2016, e de lá pra cá tenho visto muita coisa. Volta e meia sonho com os campos de teste e sinto como se tivesse estado por lá. Certamente meus olhos estiveram, e insistem em me mostrar àquilo que sou diariamente forçado a não ver. Incomoda-me esse grotesco privilégio de enxergar o que os outros são privados de ver, pois a realidade é miserável. É terrível ver com nitidez as pessoas escravizadas pelos anseios virtuais, descuidando-se da saúde física e mental. Com a popularização da tecnologia os sentimentos e os laços afetivos foram definhando e as famílias são células que não mais existem. Em verdade, existe um estaque na taxa de natalidade e nascer é tarefa para condenados.

O ambiente é *confortável*, pois todos estão absortos em suas tarefas embrutecedoras, mas é preciso ter cuidado com a vigilância e a exposição. Todos estão marcados com a

identificação local. Existe uma marca espacial, que se aplica a todos os indivíduos de um lugar, e essa marca é física, como uma tatuagem. Contudo, os lugares não são homogêneos e nem as pessoas estão homogeneamente concentradas. Existem pessoas com tatuagens de diferentes lugares trabalhando lado a lado conectadas com *os seus lugares*, mas como ninguém se olha, e nem se percebe, não é notada essa diferença, e por isso não há nem estranhamento, tampouco cooperação. A cidade física está conectada virtualmente com as outras cidades espalhadas por distâncias incontáveis. A cidade abriga todo mundo. E o cercamento dos bairros em condomínios fora decretada lei, e está proibida qualquer interação física entre os moradores de condomínios diferentes. Todas as ideias de liberdade gradualmente viraram mercadorias. A formação de comportamento e a atualização de status nas redes sociais esvaziaram de conteúdo o fazer político da cidade. O Estado de controle e bem-estar venceu. Houve mudanças radicais, que entraram no cotidiano dos indivíduos abruptamente, definindo um comportamento urbano opaco. A obediência é total, pois todos estão amortecidos. A ignorância é cultivada. Pensar não é mais possível. Vive-se agora em cubículos individuais, chamados de baias. Todas as baias estão conectadas. Toda a tecnologia da indústria se une através dos cabos de fibra ótica que atravessam as baias, e liga os portões dos bairros, aos portões das avenidas e aos portões do metrô e da hidrovía submarina, conectando todos os cantos, através dos dutos que cortam os oceanos. Tem aqueles que estão sempre indo e vindo, mas a maioria passa grande parte do tempo ficando. Adota-se a postura do distanciamento. Estamos perto fisicamente, pois as baias amontoam-se umas às outras. Mas estamos todos falando sozinhos. O correto é enviar e-mail, ou trocar SMS. Adesivos e *emoticons* complementam nossa interação. A imagem é a ferramenta de comunicação mais eficaz. A imagem é tudo. Toda a vida da cidade é uma vida virtual. Conversar é proibido. A ração diária em pílulas é repostada pelo tubo alimentador instalado nas baias, e há muito que *miojo* é manjar e as novelas fazem parte da formação sentimental do comportamento da cidade, são elas que agora educam a população.

As máquinas fazem grande parte do trabalho pesado, as leis trabalhistas há muito não vigoram e quase todo o trabalho pode ser feito a partir das baias. A economia se baseia em bens virtuais, e a indústria de aplicativos para as redes sociais virtuais é a que mais tem crescido e gerado empregos. Com o colapso dos combustíveis de 2018 a produção de carros foi abandonada e muitos bairros condomínio surgiram da sucata deixada pelas

carrocerias. As baias de lata são as acomodações mais baratas da cidade; dessa maneira, o público alvo das remoções para os bairros subterrâneos está todo ali concentrado. Em função do crescente número de usuários de *crack* e dependentes permanentes da substância, foram instalados na cidade alguns bairros subterrâneos para onde é encaminhado todo aquele que de alguma maneira esteja perturbando a vida social sem pagar pela vida na cidade. Quem não consegue consumir os artigos que ela oferece, assim que detectado, é diretamente enviado para os bairros subterrâneos e, invariavelmente, a adesão ao consumo do *crack* se dá quase que imediatamente. Os bairros subterrâneos comportam refinarias, que servem como medida de saúde e higienização coletiva adotada pelo Estado, que optou por afastar os pobres e os insurgentes da superfície e investe em mantê-los escondidos e entorpecidos para não incentivar a perturbação da vida social da elite. A maioria dos cientistas sociais foi gradativamente removida para os bairros subterrâneos, por desobediência ou insubmissão. O silêncio da avenida é cortado, vez em quando, pelas engrenagens de um comboio blindado que rompe em disparada a noite alta. Conduz mais alguém, que eleito perigoso, será encaminhado para os bairros subterrâneos, espalhados pela cidade depois que as leis de concessão para a Copa foram adotadas como permanentes. A cidade está muda. O silêncio prevalece até ser rompido pelo vibrar do rolo compressor que passa pesadamente sobre o asfalto úmido na noite que avança. As obras de melhorias das vias iniciadas a mais de décadas continuam a funcionar graças à parceria da prefeitura com as empreiteiras de obras estruturais privadas. Assim, as obras nunca param e acontecem também à noite, e o ronronar do desenvolvimento embala o sono da cidade. Em nenhum segundo o silêncio é profundo. A cidade está sempre acompanhada do som de uma vibração e o feixe da luz dos aparelhos em *stand by* espalha-se por toda parte. O cérebro já não consegue descansar e os olhos já não mais se fecham. A luz não se apaga e as noites são sem lua. O ambiente tem a iluminação de um frigorífero.

Às vezes pergunto aos meus olhos, como eram as coisas antes de agora, e ele sempre diz algo assim:

A minha cidade é a minha casa. Eu me sinto bem com o som da noite, e me sinto disposto com a luz do dia. Na minha cidade, eu acordo cedo pra tomar café na padaria, aproveito e leio o jornal e acompanho as últimas notícias da noite e do futebol. O circo tá pegando fogo. Tá tudo em polvorosa. Tem gente a milhão na rua não querendo que a Copa aconteça, mas o futebol ainda move paixões, assim como as disputas de DCEs. Eu

to na Universidade, e faço Geografia. Logo descubro que tudo é relativo, e que é relativa também a minha compreensão sobre as coisas. Enxerga mais quem vê mais longe, ou mais profundo?!

As estradas dentro de mim são desertas
Viajo nelas por horas e chego em vazios
Não há free-ways em minhas veias
Auto-estradas passam longe dessas artérias
Só tenho picadas, tenho becos, tenho poços
Tenho pequenas vielas nos meus ossos.

A ir trabalhar, pagar água, luz, comprar maçãs
Só grandes avenidas engarrafadas
Tenho alvéolos entupidos por desejos
E uma ponte destruída em fundas cãs.

As estradas dentro de mim seguem repletas
Há tanta gente buzinando sem ter fim
Que essa amarga bile funda em meu palato
Obstrui um cruzamento em meio ao mato
Que cresceu na via de terra de meu rim.

As estradas dentro de mim seguem estreitas
Os vazios em que me encontro distam horas
As demoras, os atrasos, inconveniências
Que te trago se confundem na memória
Porque as estradas dentro em mim são tão estreitas
Que só há espaço nelas para o amar(g)o.

Arthur de Faria e Seu Conjunto, **BR-0** (2004).

Cidade Imaginária (II)

O mapa é para o geógrafo expressão de maior importância, como o resumo das atividades de sua profissão. O mapa define a *grafia* adotada pelo geógrafo para representar os lugares.

Infelizmente, esse trabalho não possui um mapa. Ao menos não um mapa formal, obviamente, não por falta de vontade, mas sim por ignorância da autora. Entre os males do livre pensamento está a preguiçosa falha de não manejar as novas tecnologias, ou mesmo de não possuir um olhar de sobrevoos sobre os objetos que compõem a paisagem urbana.

Como enxergo a cidade na altura da rua (e não de cima dos prédios ou dos aviões), não a represento de maneira cartesiana, pois não é de maneira cartesiana que me espacializo, e sim de maneira afetiva. Descubro as ruas e as ambientações da cidade pelo caminhar, quando então estabeleço e percebo as afeições e as urgências da cidade. Dessa maneira, elaboro mapas mentais, ou imagens da cidade, como a imagem que fui tecendo, intuitiva e inconsciente, durante o desenvolvimento desse trabalho, para representar a imagem que faço de Porto Alegre.

Até bem pouco tempo não possuía a imagem do mapa da cidade de Porto Alegre em totalidade e legível definição gravada como uma foto entre as minhas memórias. Isso porque não olhava mapas da cidade com frequência. Quando começo a olhar a cidade, a partir de sua representação cartesiana é que percebo o quanto desconheço as conexões da cidade, seja entre os bairros, ou entre as cidades da região metropolitana.

Entretanto, mesmo sem as ligações claras, conheço inúmeros lugares espalhados pela cidade, pela zona norte, e a zona sul, de leste a oeste, e é quando olho o mapa que faço um exercício de lembrança, onde conhecendo o nome da rua, e tendo gravado um ponto específico dessa rua. Crio então uma imagem desse lugar e tento reconstruir as imagens do caminho e encaixar nos trajetos, de modo a lembrar-me de coisas que aparentemente passaram despercebidas.

Como a imagem da cidade é feita através da memória dos lugares, a representação ou um mapa afetivo da cidade é confeccionado a partir de técnicas rudimentares de cópia de mapas. Para a elaboração dessa imagem usei papel vegetal sobre o mapa de Porto

Alegre (ADIMAPAS, 2007) sem, no entanto copiar toda a cidade, representando a forma e a localização apenas da parte norte, como se na altura do estádio Beira-rio houvesse uma interrupção. A imagem retrata particularidades que apreendo de Porto Alegre como, por exemplo, as várias imagens da Av. Ipiranga, desde a Ponte de Pedra, e a destacada importância dada à herança portuguesa, passando pelo processo de ocupação da avenida e canalização do arroio Dilúvio, assombrado por um monstro imaginário, desenhado por Rafael Sica (2010), quadrinista portoalegrense que captura belas imagens da cidade. Além disso, acredito expressar a ideia que tenho sobre a força do Estado e uma posição sobre questões da cidade relativas à participação e exercício da cidadania, através da imagem da tropa de choque da polícia que protege o prédio do jornal Zero Hora, durante uma das manifestações de junho de 2013. Assim como o cartaz contra o aumento das passagens de ônibus, que circulou por vários postes e muros, além de uma imagem aérea, obtida por helicópteros, possivelmente do grupo RBS, tirada da Av. João Pessoa, ocupada pelos manifestantes reunidos em passeata também em função do aumento das passagens do transporte coletivo.

Pode ser vista, também, uma foto de uma parada de ônibus, na Av. Venâncio Aires, onde se lê uma mensagem sobre a Vila Chocolateira, e um desenho que fiz da cidade, com prédios, antenas e mais prédios em construção, além de uma imagem da chegada dos primeiros carros do *Trensurb*, vindos do Japão. Há um estêncil do artista de rua Banksy, em que dois oficiais da polícia inglesa estão se beijando.

Algumas ruas estão destacadas em alto relevo: a vermelha representa a Av. Borges de Medeiros; em amarelo, a Av. Osvaldo Aranha; em verde, temos a Av. Ipiranga; e em laranja e azul a Av. Goethe. Além disso, onde se localiza o aeroporto está costurada uma pequena fita de áudio, lembrando o som e a reprodução das ideias na cidade.

O lago Guaíba é pintado de preto e as ilhas cobertas por um vermelho sangue, que se espalha por toda a imagem, tal qual uma artéria emoldurando-a, conduzindo para as imagens dos rostos coloridos. Os rostos são de pessoas que encontrei durante a graduação, das quais cada qual à sua maneira contribuiu para a minha imagem de cidade e a minha compreensão de Geografia.

Há duas imagens do meu rosto ao longo da moldura, uma foto tirada antes de ingressar na universidade e outra mais recente, do fim do ano passado. Entre os rostos há a imagem de um homem desconhecido que se repete três vezes durante a moldura, são

fotos 3x4 que encontrei em um dos quiosques da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), durante o Encontro Nacional de Estudantes de Geografia (ENEG), que aconteceu em Maceió em janeiro de 2010. A foto desse homem representa o rosto do *leitor desconhecido*⁵, personagem inventado por Nelson Rego para explicar a importância de pensar para quem se escreve e de que maneira dizer as coisas de forma a se fazer entender, mesmo por um leitor que não possui nenhuma empatia com as ideias do autor, de modo a se fazer ler por todos, pelos que se identificam e pelos que ignoram as ideias do texto que se quer escrever.

Acredito que através da comunicação e da arte que se difunde e se expressa na rua, seja pelo uso de estêncil, cartazes ou recados escritos nas paredes, é possível estabelecer inúmeras relações e interpretações sobre a cidade e o sentimento que ela transmite, assim como é possível perceber de que maneira tento registrar o *lugar*.



Figura 1: Cidade imaginária. Colagem sobre o mapa de Porto Alegre. Autoria própria.

⁵ A ideia do leitor desconhecido ganhou outros desdobramentos, como a pintura de Orley Barreto Medeiros, o Jovi, como se vê na da Figura 2.



Figura 2: Leitor Desconhecido. Tinta acrílica sobre tela. Autoria de Orley Barreto Medeiros.

Finalmente, faz-se necessário estabelecer uma conexão entre as cidades imaginárias e a cidade real, visto que as alegorias criadas para esse trabalho compõem a interpretação individual e subconsciente de lugar e de cidade desenvolvida pela autora. Assim, é preciso apresentar algo que vá além do desenvolvimento individual e que, por sua vez, contribua para produção de conhecimento.

Quando falamos de lugar, é comum lembrarmos-nos de situações e de imagens diversas e particulares. No entanto, o lugar não é conceito de definições rígidas, e nem é pretensão desse trabalho definir um conceito taxativo de lugar, por isso, as ideias aqui desenvolvidas estão apoiadas a partir daquilo que Yi-Fu Tuan definiu como sentimentos de *fobia* e de *filia*, e que afloram a partir do uso da percepção. Dessa maneira, é difícil estabelecer a imagem de um lugar, sem recorrer às sensações que os lugares nos trazem,

uma vez que os sentimentos de lugar são coisas íntimas e particulares, sendo intransponível e fragmentariamente expressados.

Para conseguir falar sobre o lugar sem recorrer a uma situação externa – que envolve um espaço e um objeto, e conseqüentemente sujeitos-objetos, registrando apenas uma parcela fragmentada e fragilizada de uma totalidade, visto que não parte de uma realidade que é minha e sim de minha interpretação sobre uma situação externa, e que por sua vez, realça a ideia de pesquisador intruso – recorro à ideia de escrever um conto. Acredito que no campo da ficção seja possível falar sobre qualquer assunto e, para uma porção variada de leitores, de maneira prática e sensível. De modo a se fazer compreender por jacobinos e girondinos, acredito que as imagens genéricas que um conto pode trazer, assim como a leitura e a significação individual que essa textualidade proporciona, contribuem para definição do lugar, sem que seja necessário o emprego de definições taxativas.

O lugar de que falo é a cidade. A cidade, por sua vez, é conceito de contornos mais definidos, em que elementos como estradas, edifícios e estabelecimentos comerciais são indispensáveis para o desenvolvimento da cidade. A cada cidade cabem particularidades; contudo, existe um comportamento urbano, desenvolvido para a vida nas grandes aglomerações, que atravessa as particularidades de cada lugar, e tem se instalado como um comportamento uniforme de desenvolvimento.

É claro que esse comportamento não se desenvolve de maneira homogênea pelas diferentes cidades, nem acontece numa mesma temporalidade, mas está diretamente ligada a questões de desenvolvimento econômico e psicológico das sociedades e dos indivíduos. Econômico, pois engendra o desenvolvimento das tecnologias e da exploração; psicológico, pois desnaturaliza o homem de sua natureza.

A imagem trabalha a partir de duas perspectivas: uma mais historicista, vista a partir das imagens aéreas da cidade, como é o caso da imagem de um dos protestos ocorridos ano passado, contra o aumento da passagem de ônibus, e também nas imagens do arroio dilúvio. Seja na imagem do passado da Av. Ipiranga, ou na imagem do meandro abandonado do arroio dilúvio, coroado pela ponte de pedra, que celebra a colonização portuguesa em Porto Alegre. Imagens que resumem acontecimentos recentes protagonizados na cidade e que prezam pela mirada da rua, que representam a paisagem atual da cidade também tentam ser incorporadas na imagem composta nesse trabalho. É

o caso do recado deixado sobre a remoção da vila chocolateira, na parada de ônibus da Av. Venâncio Aires, na lateral do antigo Cine Avenida.

E aqui é importante salientar que as relações que desenvolvemos com os recados da cidade, ajudam na criação da noção de lugar, ou sentimento de lugaridade, que ultrapassa a temporalidade dos acontecimentos. Mesmo que os recados não permaneçam mais onde estavam, quem pode estabelecer vínculos e atribuir-lhe significado passa a perceber a transformação desse lugar a partir de uma ótica afetiva e não prática, como é a mirada daqueles que não estabeleceram vínculos com esse mesmo lugar.

O conto, por sua vez, cria uma ideia diferente da ideia da colagem, criando assim outra abordagem da cidade. Visto que o conto propõe um cenário futurístico, a partir de uma imagem tirânica do futuro, onde os males que afligem o sofrimento humano (FREUD, 2011), como a prepotência em relação à natureza, e a necessidade de diferenciação e dominação sobre essa, assim como a notória fragilidade de nossos corpos e os desajustes institucionais que tanto nos causam entraves... Males, que a todos afligem, em maior ou menor escala, e que numa perspectiva futura estariam todos superdados, primando sempre pela ordem e a limpeza, esquecendo-se da beleza, ou pior, exaltando-a de maneira histórica, e exagerada. A ideia do conto é que mesmo que se tivesse alcançado o ideal da perfeição, da vida em civilização, a felicidade não seria alcançada.

Pois, da maneira como evoluímos, e como percebemos nosso desenvolvimento, estabelecemos comportamentos que definem nossa atuação social, e que por sua vez, contribuem para a maneira como nos orientamos e nos lugarizamos na cidade. E a maneira como o comportamento da cidade evolui, pelo menos o comportamento de cidades como Porto Alegre, uma capital em permanente transformação e adensamentos, administrada a partir de um comportamento controlador, vigilante, repleto de câmeras de segurança, que mais geram insegurança e privam as pessoas de privacidade. A sensação de excessivo controle social empregado pelo Estado estabelece uma sensação de permanente desconforto e superficial dualidade das situações que compõem a paisagem da cidade.

O conto remete a um futuro frígido, asséptico, e violento como as páginas de uma HQ do RanXerox (CHABAT, A. LIBERATORE, T. TAMBURINI, S. 2010). Essa historieta italiana, protagonizada por um anti-herói androide, construído a partir de

maquinas copiadoras, e por essa razão é capaz de reproduzir os sentimentos humanos, e assim, se apaixonar, sentir ciúmes e empatia, ser reativo e violento no ambiente da cidade despótica, dividida em zonas em função das estações do metro...

As cores do conto deveriam ser as cores do desenho de Liberatore, lembrando a ideia de um frigorífero, e a inquietude do som, do zunido, do ronronar, e dos sons dissonantes e constantes da cidade também deveriam aparecer no conto de maneira destacada, porque é dessa maneira estéril e de bruta beleza, que vejo o desenvolvimento da cidade.

Ao mesmo tempo em que procuro continuidade à imagem comum de Porto Alegre, representada por sentimentos de tristeza e melancolia, como o ar da cidade descrita nos textos do Caio Fernando ABREU (1982; 1996), do João Gilberto NOLL (1986), ou do Daniel GALERA (2007), que captam muito do espírito nublado e blasé que Porto Alegre tende a adotar como comportamento comum para viver/estar na cidade.

Nas metrópoles latinoamericanas, em especial no caso brasileiro, é crescente a desigualdade, assim como a popularização e a flexibilização do crédito, a impopularidade dos governos, evidentes no sucateamento do aparelho público, haja visto a precariedade das escolas e dos hospitais, contribuem para a deseducação urbana. São inúmeras as moradias desocupadas na cidade, assim como são incontáveis os sem-teto, e ainda há um forte preconceito e um obscurantismo a respeito dos moradores de rua, sendo todos taxados de marginais, independente de delinquências. E como marginais não inseridos na sociedade de definições rígidas, somam-se os casos de dependência química como forma de escape e sobrevivência.

O que eu quero dizer, em outras palavras, é que da maneira como somos educados a perceber os outros, elegemos sempre como vagabundos todos aqueles que são pobres e sucumbem aos vícios, ignorando por sua vez, as particularidades de uma realidade que não é a nossa.

Para auxiliar no argumento, recorro às palavras de Fernando Pessoa, no heterônimo de Álvaro de Campos:

Nunca conheci quem tivesse levado porrada.
Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo.

E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil,
Eu tantas vezes irresponsavelmente parasita,
Indesculpavelmente sujo,
Eu, que tantas vezes não tenho tido paciência para tomar

banho,
Eu, que tantas vezes tenho sido ridículo, absurdo,
Que tenho enrolado os pés publicamente nos tapetes das
etiquetas,
Que tenho sido grotesco, mesquinho, submisso e arrogante,
Que tenho sofrido enxovalhos e calado,
Que quando não tenho calado, tenho sido mais ridículo ainda;
Eu, que tenho sido cômico às criadas de hotel,
Eu, que tenho sentido o piscar de olhos dos moços de fretes,
Eu, que tenho feito vergonhas financeiras, pedido emprestado
sem pagar,
Eu, que, quando a hora do soco surgiu, me tenho agachado
Para fora da possibilidade do soco;
Eu, que tenho sofrido a angústia das pequenas coisas
ridículas,
Eu verifico que não tenho par nisto tudo neste mundo.

Toda a gente que eu conheço e que fala comigo
Nunca teve um ato ridículo, nunca sofreu enxovalho,
Nunca foi senão príncipe - todos eles príncipes - na vida...

Quem me dera ouvir de alguém a voz humana
Que confessasse não um pecado, mas uma infâmia;
Que contasse, não uma violência, mas uma cobardia!
Não, são todos o Ideal, se os oiço e me falam.
Quem há neste largo mundo que me confesse que uma vez foi
vil?
Ó príncipes, meus irmãos,

Arre, estou farto de semideuses!
Onde é que há gente no mundo?

Então sou só eu que é vil e errôneo nesta terra?

Poderão as mulheres não os terem amado,
Podem ter sido traídos - mas ridículos nunca!
E eu, que tenho sido ridículo sem ter sido traído,
Como posso eu falar com os meus superiores sem titubear?
Eu, que venho sido vil, literalmente vil,
Vil no sentido mesquinho e infame da vileza. (PESSOA,
1993: 312).

Observando o poema do poeta português é possível notar como a naturalização do comportamento humano de ideias de vaidade e diferenciação excludente gera indivíduos combativos que, inseridos no contexto embrutecedor da cidade de consumo, contribuem para a geração de ambientes hostis e violentos. Ainda que o atestado do senso comum para a ocorrência dessas degenerescências esteja muito atrelado a condições essencialistas, não se pretende ignorar nessa análise, que tal compreensão é fruto de um desenvolvimento cunhado em filosofias e modos de vida individualistas e revanchistas, que impedem o progresso coletivo, assim como o uso equilibrado da natureza como recurso para manutenção da vida humana.

A compreensão do homem como natureza, e a civilização como um organismo dotado de grande poder transformados, a partir de uma ótica humanista e estrabônica é o que se pretendeu apresentar nessas páginas, ainda que para isso fosse preciso recorrer a alegorias como o conto e a colagem, enveredando muitas vezes por um caminho mais romântico do que prático, a final esse trabalho trata sobre o retrato que o geógrafo se permite fazer enquanto é jovem, e por isso mesmo ainda é permitido sonhar e mal dizer o progresso transformador dos comportamentos e dos significados.

Considerações finais

As ideias ao longo desse texto são embrionárias e precisam ser fortalecidas, expandidas e aprofundadas, de modo a ser possível construir uma metodologia de trabalho, desenvolvendo um modo de coletar dados sobre o lugar e o sentimento de cidade e também descobrindo modos de interpretá-los a partir de práticas dialógicas e não determinantes nem invasivas. Entretanto, ainda que o assunto não se esgote nesse trabalho, algumas palavras de finalização devem ser encaixadas na presente seção.

Durante cinco anos, tempo dessa graduação, pude desfrutar do privilégio de inserir-me em uma comunidade acadêmica, que por sua vez, me faz pensar que talvez não haja comunidade mais profícua e curiosa como é a geográfica, visto que são incontáveis os rumos a serem tomados a partir dessa óptica. Não estamos restritos apenas a assuntos de orientação e localização, ou catalogações exploratórias: a disciplina possibilita estabelecer debates entre diferentes saberes conhecidos pelo homem e disponíveis na natureza, pois o pensamento geográfico é um pensamento associativo, que constrói cenários, interpreta paisagens e projeta hipóteses, sendo competência do geógrafo desenvolver mecanismos para análise que auxiliem do setor econômico à construção civil.

A forma como esse trabalho se desenvolve é furto das descobertas ao longo da pesquisa. É curioso deparar-me com o *conto* como sendo o estilo narrativo mais cômodo para fazer-me entender. Confesso que após ter ingressado na universidade dediquei-me a leitura de caráter científica bem mais do que a qualquer outra forma literária, de maneira que minhas influências de leituras recentes possuem um estilo narrativo impessoal e forma rígida.

Antes da graduação, é verdade, gostava bastante de escrever e o fazia com relativa frequência, mas, por falta de exigência e mesmo de iniciativa, lamentavelmente ao longo do curso de Geografia, escrever foi coisa que pouco fiz. Dessa maneira nunca desenvolvi um estilo científico de escrita e para escrever uma monografia faz-se necessário descobrir uma forma e um estilo de escrever, para poder falar longamente sobre os tantos assuntos que o olhar *geografizado* pode se demorar.

Sinto que as insuficiências são o reflexo de uma formação incompleta, que é tanto fruto de um currículo de inspiração fortemente positivista, como o currículo de Geografia da UFRGS que por sua vez contribui no estreitamento de alguns horizontes do pensamento geográfico ao ignorá-los ou estigmatizá-los, como também é circunstância, visto minha pouca experiência com o pensar e o fazer geográfico.

Agradeço a oportunidade de poder descobrir caminhos que façam da pesquisa uma atividade de prazer e curiosidade, assim como valorizo as experiências que proporcionam vislumbra novos horizontes, interessar-se por coisas diferentes e promover um dialogo entre elas possibilitando a criação de imagens de maior definição, com maior profundidade, visto que são mais profundos e entranhados os meandros que tecem a vida social.

A universidade é o lugar onde encontramos a falsa, porém sedutora sensação de que possuímos escolhas e acesso a elas. Só na universidade é possível construir e desconstruir novas leis, novos instrumentos, novos mecanismos que auxiliem a enxergar a realidade de uma perspectiva diferenciada, estimulada pelas diferenças e não pelas uniformidades. É preciso pensar a universidade e a produção de conhecimento, assim como a pedagogia que envolve os departamentos e a formação profissional dos indivíduos. A quem se dirige o conhecimento produzido na universidade? E quem desfruta da estrutura da instituição para seu benefício? O acesso ao conhecimento e a cultura é facilitada e atinge a todos? Como podemos estender os laços da academia e a sociedade civil?

A partir dessas inquietações e da descoberta de novas inquietudes, esse trabalho é finalizado instigando mais dúvidas, ao invés de solucionar qualquer coisa, visto que essa nunca foi uma pretensão, pois acredito que só a duvida gera conhecimento, debate, e possibilita a troca de saber e ocasionalmente o conflito, que gera transformação que possibilita uma evolução, uma reinterpretação dos valores e possibilita a criação de novos comportamentos.

A cidade é uma prisão, mas assim como as instituições, é a prisão que criamos para nos organizar espacial e socialmente, e ainda que a disputa pela vida na cidade alimente a barbárie do comportamento humano, travestida por civilidade, desenvolvemos mecanismos de apego e permanência com os lugares a partir de relações afetivas, estabelecendo relações de poder com as pessoas e ao nosso redor. Dessa forma, é

possível também estabelecer relações que envolvam sentimentos topofílicos ou topofóbicos, cabendo então estabelecer uma análise profunda desses sentimentos a partir da escolha de relatos de indivíduos que percebem o lugar e a cidade de maneira significativa.

A continuidade desse trabalho se concentrará em desenvolver as ideias aqui apresentadas a fim de promover um diálogo profundo entre Geografia e Psicologia, Educação e Comunicação, explorando diversas linguagens e objetos científicos e artísticos.

Todo geógrafo que fica minimamente sensibilizado com o que se pode fazer e ver com a geografia, lá no fundo, queria mais era ser artista ao invés de cientista. Queria era achar um jeito de fazer geografia e arte, ciência e política, que gere cultura e provoca um comportamento, que se comunica.

Assim, escrevo essas linhas reforçando o convite do diálogo sobre as cidades pela ótica da geografia, através do uso da percepção, do sentimento que os lugares da cidade geram nas pessoas que tem a lente focada no espaço e no caminhar. Dessa maneira tento ser honesta com as minhas limitações enquanto observadora, e sincera em relação aos sentimentos experienciados nos laboratórios das vivências geográficas. Criando uma linguagem que é íntima e individual, por que parte de mim enquanto indivíduo experimentador, e pode ser compreendido como um relato antropológico empirista, ou como a individualidade e singularidade do indivíduo ao digerir toda a informação social e criar sua identidade, a partir do seu estilo, e da escolha do meio de comunicação que facilite a compreensão das imagens criadas para representar a cidade. Ainda que as imagens das cidades imaginárias se somem ao coro que compartilha dos inúmeros significados, tantos que nem cabem nessas páginas, mas que quando destacados os principais se pode compartilhar de uma ideia de cidade e de experiência urbana.

Bibliografia

ABREU, Caio Fernando. **Morangos mofados**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

_____. **Pedras em Calcutá**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BITENCOURT, Lara; FRANCO, Felipe da Costa; JARDIM, João Pedro Izé; RATTMAN, Marília Guimarães. Nem Tudo Que Reluz É Ouro: Reassentamento Da Comunidade Da Vila Chocolateiro, Porto Alegre/Rs. **Terra Livre**. São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2012.

CHABAT, Alain. LIBERATORE, Tanino. TAMBURINI, Stefano. **RanXerox**. São Paulo: Conrad, 2010.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GALERA, Daniel. **Até o dia em que o cão morreu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

JOYCE, James. **O retrato do artista quando jovem**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2012.

LEVEBvre, Heri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LIMA, Theo Soares. **Caminhos urbanos à deriva**. Monografia. Porto Alegre: Departamento de Geografia/UFRGS, 2011.

NOLL, João Gilberto. **Rastros do Verão**. Porto Alegre: L&PM Editores S/A, 1986.

PESSOA, Fernando. **Poesia de Álvaro de Campos**. Lisboa: Ática, 1993.

SANTOS, Milton de Almeida. Por uma geografia cidadã: Por uma epistemologia da Existência. **Boletim Gaúcho de Geografia**. Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros – Sessão Porto Alegre, 1996.

SICA, Rafael Cavalheiro. **Ordinário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

THOREAU, Henry David. **Andar a pé**. Rio de Janeiro: eBooksBrasil.com, 2003.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** São Paulo: DIFEL, 1983.

_____. **Topofilia: um estudo de percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo: DIFEL, 1980.